Gens Una Sumus

I

“Eu vi coisas que vocês nunca acreditariam. Naves de ataque em chamas perto da borda de Orion. Vi a luz do farol cintilar no escuro, na Comporta Tannhauser. Todos esses momentos se perderão no tempo como lágrimas na chuva. Hora de morrer”.

(Nexus 6 Roy Batty)

II

Quando o replicante Roy Batty, interpretado por Rutger Hauer, disse estas palavras, na seqüência final de Blade Runner – no Brasil o filme recebeu o subtítulo O Caçador de Andróides –, condensou numa única fala o drama vivido ao longo de toda a trama.

Momentos antes de resumir sua experiência singular de vida, expondo aguda sensibilidade diante de um destino supérfluo, tinha diante de si, pendurado no topo de um arranha-céu, o policial Rick Deckard (Harrison Ford), que fora contratado para exterminá-lo.

“Uma experiência e tanto viver com medo, não? Ser escravo é assim”, descrevia a agonia do policial pouco antes de, no instante da queda, ampará-lo com uma das mãos e içá-lo de volta à vida.

Logo depois, já sobre o chão firme, Deckard vê Roy morrer a sua frente.

Atônito por não compreender aquele gesto de sublimação vindo de uma máquina, Deckard vivencia na própria alma, recém banhada pelo medo da morte iminente, o paradoxo de ser salvo por quem ele até então caçava implacavelmente.

Os replicantes da série Nexus 6, à qual Roy pertencia, eram dotados de habilidades humanas superiores às dos próprios seres humanos. Mais fortes, mais rápidos, mais inteligentes. Contudo, eram programados para viver no máximo quatro anos. E, enquanto vivos, eram utilizados como mão-de-obra escrava em tarefas perigosas da colonização planetária.

Nada disso, porém, se passa na tela. Conhecemos da vida de Roy apenas o que ele diz em seu relato final. Isto porque o Diretor do filme – e aí o “D” é reverencial, maiúsculo mesmo –, Ridley Scott, teve o cuidado – leia-se a suprema percepção artística – e de concentrar nossas atenções na busca do replicante em dar significado à vida, e aproximá-lo do Homem – ou o inverso.

Afinal, desde o “nascimento”, Roy sabia, assim como nós aprendemos da experiência humana, que seu tempo era limitado, não obstante a pulsão incessante da vida.

A esta altura, é de se ressaltar o diálogo mantido com o personagem Tyrel, dono da poderosa corporação produtora dos Nexus 6, antes da perseguição final a Deckard – outro genial paradoxo do filme no sentido de parear Homem e Máquina: o caçador sendo perseguido pela caça.

Ao questionar Tyrel sobre o sentido de sua existência, Roy obtém como resposta a própria frieza emocional de seu Criador: *“A luz que brilha o dobro arde a metade do tempo”*, diz ele a Roy.

Neste momento ocorre uma das cenas mais significativas de Blade Runner, da história do Cinema, e das que eu já vi. Tomado de absoluta insatisfação existencial, Roy esmaga o crânio de Tyrel entre as mãos, num gesto tão absurdo quanto sua própria condição fugaz de vida. É a criatura se rebelando contra seu criador, trucidando aquela inteligência perversa que o fez, num ato extremo de contestação.

De volta à cena final, a última ação de Roy, já na iminência de morrer, é salvar Deckard da queda fatal, dando significado à vida, afirmando-a contundentemente sobre a morte. O próprio Deckard concluiria ao espectador, pouco antes do desfecho do filme: *“Eu não sei por quê ele salvou minha vida. Talvez naqueles momentos finais ele tenha amado a vida mais do que nunca. Não apenas a sua vida. Qualquer vida. Minha vida. Tudo o que ele queria era as mesmas respostas que procuramos. De onde eu vim? Pra onde vou?”* – o simbolismo do prego cravado na mão de Roy e da pomba voando para a imensidão é tão óbvio e dilacerante quanto a visão em preto-e-branco dos anjos de Asas do Desejo, de Wim Wenders.

A penúltima frase do replicante é, ela própria, a transcrição de sua última experiência em vida. Diz ele: *“Todos esses momentos se perderão no tempo como lágrimas na chuva”*, enquanto lágrimas lhe percorrem a face em meio à chuva ácida – escura, carregada, como a própria atmosfera do filme – da fictícia Los Angeles do ano 2019.

Por fim, Roy sentencia: *“Hora de morrer”*.

III

Distante no tempo e espaço, mas não na essência, do universo de Blade Runner, um carro percorre a noite escura e chuvosa de Vila Velha. Dentro dele, Isaías e eu seguimos remoendo nossas consciências em busca de um sinal de esperança que se torna mais e mais improvável a cada estreitamento de rua.

Da noite para o dia, o que era o bairro residencial de Jardim Guaranhuns, onde ele mora, se transformou num arquipélago de casas ilhadas pela tempestade intensa que desabara durante toda a madrugada, e agora vinha diluída numa chuva fina e contínua.

Ratos, tanto os roedores como os da espécie humana, rondam o local. Os primeiros, em busca de abrigo e sobras de comida deixadas para trás pelos moradores. Os últimos, para saquear as casas vazias, aviltando com sua presença o sentido precário da palavra lar. O

cenário é desolador. Quando o ronco contido do motor enfim cessa, o faz para indicar que chegamos ao epicentro do caos.

Ainda hoje, passado algum tempo do fato, me lembro com nitidez cortante do semblante grave do Isaías quando me disse: “Edu, a partir daqui só dá para seguir a pé. Vamos calçar as botas e tentar chegar até a minha casa para ver o que os ladrões deixaram”. E não se sinta o leitor comiserado antes do tempo, que esse tempo não virá. Esta é uma crônica sobre sublimação, não sobre as dores do mundo. Espero tê-lo despertado para isto desde a sua citação inicial.

Naquele momento, eu já estava de tal maneira envolvido emocionalmente que se o convite fosse para ir vistoriar uma sucursal do inferno nas Antilhas, onde, a propósito, é mais quente do que na matriz, eu não esqueceria de levar uma sunga de banho.

Quis o destino, porém, que as botas de borracha não me coubessem nos pés, e eu fiquei ali no carro, aguardando o Isaías retornar. Sinceramente, não havia como avaliar qual experiência me seria a mais incômoda: ir ou ficar.

Graças a Deus, eu teria de viver somente uma delas.

Naquela noite, em Jardim Guaranhuns, vi meu amigo e irmão na fé enxadrística afundar, passo a passo, até sumir completamente na escuridão. Antes de vê-lo desaparecer, notei uma senhora caminhar até a beira da calçada e rogar aos céus por um dia de Sol.

Tão logo os dois se foram, segundos cronológicos se prolongaram em minutos psicológicos, minutos em horas. Até que, inapelavelmente tragado pelo manto denso da noite, anoiteceu-me também a solidariedade impotente que eu sentia.

Ao caro leitor confesso minha tendência quase suicida ao conhecimento das questões humanas. Tanto as coletivas, como as individuais, como as minhas próprias. Vale dizer, há anos elas explodem sem dó contra meu córtex, deflagradas na noite.

Reduzindo-me à essência dessa inquietação, um bom médico de plantão – só no xadrez, e atualmente no ES é pertinente ressaltar que me refiro ao esporte, e não ao xilindró, eu conheço três – e poderia me receitar um antidepressivo, ou mesmo uma boa rapariga. Dos três, aliás, há um que, conforme o horário e local da consulta, certamente me receitaria a segunda opção.

Contudo, resumindo, a meu ver há uma cota de mel e de fel para cada um nesta vida, e o que eu disse acima, sem propriamente dizê-lo, é que de tal maneira mergulhei em minha noite interminável de espera pelo Isaías que somente Demétrio poderia me indicar o caminho de volta.

Acerca de ambos, Demétrio e a noite, Drummond nos esclarece o que precisamos saber:

“Há tantas coisas germinando na noite, que nem sei como enumerá-las. À noite nascem as revoluções tanto as que vão triunfar como as que só se realizam em pensamento, e são

quase todas. Os revolucionários viram-se, inquietos, na cama. E também os que se converterão, pela manhã, a religiões novas. E os amorosos. Análises emocionais levadas ao extremo da tortura arrastam-se pela horas lentas da noite. Como a noite é rica! A noite é o tempo de não dormir; é o de velar e procurar; de criar mundos.

Demétrio quis prolongar a noite obturando todas as frestas do quarto, para que não entrasse a luz. Luz não entrou. Demétrio gozou da noite plena, continuada, e todos os pensamentos lhe floresciam. Construiu sistemas filosóficos. A escuridão era propícia a teorias políticas. Nenhum crítico foi mais perspicaz do que Demétrio, na literatura e nas artes. Aquela noite era fantástica. Demétrio quis experimentar as sensações de horror, êxtase, humilhação, glória, poder e morte. Morreu, mesmo no escuro. Tendo sentido a morte em seu interior físico, não pôde mais tirá-la de si. É o único morto, conscientemente morto, de que já ouvi falar nesta vida. A noite é fantástica”.

Após quinze minutos intermináveis, o Isaías reapareceu.

Aliviado por ter encontrado a casa sem vestígios de saques, ele estava, contudo, bastante abatido pela elevação do nível d'água, e pelas noites dormidas em instalações improvisadas no quiosque Taça de Ouro com a Dona Laura, esposa e companheira inseparável.

O final desta história, que originou a presente crônica, eu retomarei quando de seu encerramento, inclusive para justificar-lhe o título. Por ora, deleitemo-nos com a obra do mestre Isaías.

IV

Um comentário prévio sobre a escolha desta partida para ilustrar a crônica se faz necessário.

Minha eleita de início foi a brilhante vitória obtida pelo Isaías contra o forte Mário Cantarino na final do CIMAX de Vila Velha 2008. A sustentar minha preferência não só a própria partida, cujo final foi jogado com precisão impecável de ambos os lados, mas também o ótimo desempenho do Isaías na competição, tendo alcançado o quarto lugar. E que o digam também o Namyr e o Rodrigo Siqueira, respectivamente primeiro e quinto colocados, que somente a duras penas o derrotaram.

Cheguei mesmo a ter esta partida em mãos, mas tal como o destino do replicante Roy, parece que ela estava fadada a se perder no tempo e nalgum esquecimento meu.

O fato é que a partida que segue foi jogada durante o torneio que marcou a despedida do Stênio das competições oficiais da FESX, e também por este motivo eu a escolhi, numa homenagem – meio canhota, eu reconheço – ao meu co-partícipe desta coluna de crônicas.

Luz, Stênio x Sabadini, Isaías – I CEAX 2008 – Vila Velha – D06 (Construção)

- 1. d4 Nf6**
- 2. c4 d5**

3. **cx**d5 Qxd5
4. **Nc**3 Qf5
5. **Nf**3 Nc6
6. **e**3 e5
7. **d**5 Nb4!

Êita Isaías!

8. **Qa**4+ Bd7
9. **Bb**5 Nc2+
10. **Kd**2 Nxa1
11. **Re**1 Bxb5
12. **Nxb**5 ...

Stênio se prepara para dar o troco em **c7**.

12. ... **Kd**8!!

Se 12. ... **O-O-O??**, 13. **Cxa**7+!, seguido de 14. **Cc**6!!, iniciaria um ataque devastador que culminaria com vitória rápida das brancas, e que só quem tem bagos de elefante para análises de computador poderá dizer se o que eu disse aqui é verdade ou não. Além disto, lá no Taça de Ouro há muitos anos vigora a máxima de que roque é coisa pra maricas. Então, de qualquer ponto de vista, o lance do texto é excelente!!

13. **e**4 Qg4
14. **Qc**4 ...

Tudo bem que o rei escaparia de volta a **e8**. Não obstante, a tentativa do “charutinho” de dama e cavalo é novidade pra mim.

14. ... **Bd**6
15. **Re**3 a6
16. **Qa**4? ...

Era imperioso ter jogado o cavalo. Stênio não viu a ameaça saltadora de **f6**.

16. ... **Nxd**5!

E a dama branca está no ar.

17. **Nxd**6 cxd6
18. **Qa**5+ Nc7
19. **Qb**6 Kc8
20. **Rc**3 Qd7
21. **b**3 f6
22. **Bb**2 Nxb3+
23. **axb**3 a5!!

Com o lance acima, o mestre Isaías, que é mestre-de-obras por profissão, inicia uma seqüência em cinco lances que justificará o nome dado à partida em análise.

24. Ba3 Ra6!

A torre joga! Em cima da hora, salvando-se do ataque do bispo a **d6**.

25. Qe3 Rc6!

E o cavalo não está mais cravado!

26. Rd3 Nb5!

Tudo defendido a tempo, e com quê precisão!

27. Bb2 Qc7!

A dama se posiciona para atacar!

28. Ne1 a4!!

Stênio reposicionou suas peças como manda o figurino, mas encontrou o adversário em dia inspirado, enxergando o potencial de cada casa do tabuleiro. De outra forma, como explicar a entrega deste peão para ocupar em seguida a casa **a5**?

29. bxa4 Qa5+

30. Ke2 Qxa4

31. Kf1 Rd8

32. Qh3+ Kb8

33. Qxh7 Qa2

34. Bxe5 fxe5

35. Qxg7 Nd4

36. Re3 Rc1

37. Qe7 Qa5 !!

Simultaneamente defende e ataca !!

38. g3 Nc2

0-1

“Subiu a construção como se fosse máquina / Ergueu no patamar quatro paredes sólidas / Tijolo com tijolo num desenho mágico / Seus olhos embotados de cimento e lágrima”.

Por essa construção mágica, por essa obra-mestra, Deus lhe pague, Isaías!

V

Depois das chuvas que alagaram Jardim Guaranhuns, Isaías trabalhou dobrado para reconstruir sua casa. Encontrou na família conforto espiritual, e nos amigos enxadristas amparo moral e, sem nada pedir, e sem citar nomes, também material. Os turistas de verão enfim chegaram e deram a força que faltava na reconstrução.

Há uma inscrição na bandeira da FIDE, que é o seu lema, e traduz o espírito que une os enxadristas ao redor do mundo: *gens una sumus*. Em latim, “somos uma família”, “somos um povo”. Este é o lema inscrito na bandeira da FIDE.

E o que somos.

*

Dedicada ao guerreiro Isaías.

Naquela noite chuvosa, em Guaranhuns, eu vi coisas que vocês nunca acreditariam. Vi um homem de valor desaparecer na escuridão e voltar com vida. Vi uma mulher de fé rogar aos céus por um breve dia de Sol. Todos esses momentos se perderão no tempo como lágrimas na chuva. Hora de encerrar a crônica.